

Card. Stanisław Ryłko
Presidente
Pontifício Conselho para os Leigos
Cidade do Vaticano

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM

Fortaleza, 3 de fevereiro de 2013

EUCARISTIA

Saudação e introdução

No início desta Eucaristia, em nome do Pontifício Conselho para os Leigos e a título pessoal, saúdo cordialmente toda a Comunidade Católica Shalom aqui reunida. Saúdo em particular o fundador - meu caro amigo - Moysés Azevedo Filho e a co-fundadora Maria Emmir Nogueira. Obrigado por me terdes convidado a Fortaleza, cidade em que nasceu a vossa comunidade! No mês de maio do ano passado, celebramos juntos uma Missa de ação de graças em Roma, durante a vossa peregrinação. Hoje o fazemos aqui em Fortaleza, um lugar particularmente importante para a Comunidade Shalom, e fico muito feliz de unir-me novamente ao vosso canto de louvor. Após trinta anos de história, podeis testemunhar as “grandes coisas”, as maravilhas que o Senhor realizou em vós - e através de vós - na Igreja! Quantas pessoas (jovens e adultos!) tiveram suas vidas transformadas radicalmente, quantos corações convertidos ao Senhor, quanto ardor missionário, quantos frutos de santidade! As palavras do Salmo responsorial, que a liturgia hoje nos propõe, expressam bem os sentimentos presentes em vossos corações: «Porque sois, ó Senhor Deus, minha esperança, em vós confio desde a minha juventude! /.../ Vós me ensinastes desde a minha juventude, e até hoje conto as vossas maravilhas» (*Sal* 70,5;17).

Preparemo-nos agora espiritualmente ao encontro com o Senhor nesta Eucaristia, através do arrependimento sincero pelos nossos pecados e digamos juntos: *Confesso a Deus todo-poderoso e a vós irmãos e irmãs que pequei muitas vezes...*

Homilia

Uma meta importante: a maturidade eclesial...

1. Caros amigos! Há uma conexão profunda entre a Eucaristia que agora celebramos, no Centro de Evangelização Shalom em Fortaleza, e aquela celebrada juntos na Basílica de São João de Latrão em Roma no mês de maio passado, durante a vossa peregrinação “*ad limina Apostolorum*”... Continua, de fato, a ação de graças a Deus pelos trinta anos de história da vossa Comunidade. E aqui, em Fortaleza, tudo nos fala desta história: as vossas origens (uma pequena pizzaria e um grupo de jovens enamorados de Cristo e do seu Evangelho!) e depois o vosso magnífico crescimento e difusão não somente no Brasil, mas em cerca de vinte Países do mundo... Quem poderia imaginar tudo isto no início dos anos oitenta? O Senhor nos surpreende sempre com a sua generosidade e com o seu amor!

A memória das origens de uma comunidade é fundamental para compreender em profundidade a natureza e a beleza do carisma nascente do qual essa brotou. Tal memória é importante também para compreender a verdadeira identidade de uma comunidade e a sua missão eclesial: o que ela é na Igreja? Por que nasceu? Qual é o seu papel na Igreja?... A memória das origens permite, por fim, colher mais claramente aquele enorme dinamismo que cada carisma traz em si: um pequeno grão de mostarda torna-se uma árvore robusta, ou seja, um pequeno grupo de pessoas animadas por um carisma torna-se um povo numeroso dotado de uma extraordinária vitalidade missionária.

Neste processo de crescimento, um importante marco é certamente o decreto de aprovação pontifícia por parte do Pontifício Conselho para os Leigos. Recordo que também para vós o reconhecimento pontifício foi um momento de grande comoção. A Igreja conferiu o seu importante selo de autenticidade e de genuinidade ao vosso carisma. Um sinal eloquente que a Igreja confia em vós e conta convosco! A partir daquele momento, na vida da vossa Comunidade, abriu-se uma etapa nova: aquela que podemos chamar de etapa da maturidade eclesial, tão fortemente desejada pelo Beato João Paulo II (1998) para todos os movimentos eclesiais e as novas comunidades.

2. Ontém visitei com muita alegria a “Diaconia Geral” da vossa Comunidade e pensei que esta “Diaconia”, tão grande e bela, seja exatamente o sinal de que estais vivendo tal etapa, da maturidade eclesial. Esta é uma meta importante para todo movimento eclesial e para toda nova comunidade. Mas o que quer dizer de fato? Gostaria de deter-me brevemente em dois aspectos que me parecem essenciais para que se possa falar de maturidade eclesial: viver com toda a profundidade o próprio carisma nascente e viver a “espiritualidade de comunhão”.

O carisma nascente do qual nasce uma comunidade constitui o coração pulsante, a alma que dá vida a tal comunidade. Os ensinamentos do Concílio Vaticano II ajudaram-nos a compreender melhor o papel dos carismas na vida da Igreja e de cada cristão. Na Constituição conciliar *Lumen gentium* lemos que o Espírito Santo distribuiu também entre os fiéis leigos de todas as classes graças especiais «as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; “a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum” (1Cor 12,7). Estes carismas - continua o Concílio - quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com acção de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja» (n. 12). A este rico tesouro carismático da Igreja pertencem de modo especial os carismas nascentes dos movimentos eclesiais e das novas comunidades – e portanto também o vosso carisma.

Eis, então, a primeira missão da vossa “Diaconia Geral”: guardar com grande cuidado e amor o carisma nascente. O carisma é um dom, mas também uma tarefa, um desafio para quem o recebe. Ocorre para isto um forte senso de responsabilidade diante de Deus e da Igreja! O Concílio afirma que cada carisma – cuja autenticidade e genuinidade foi reconhecida pela Igreja - deve ser acolhido com “gratidão e consolo” e deve ser posto generosamente a serviço da missão. Os carismas nascentes dos movimentos eclesiais suscitam em tantos leigos, homens e mulheres, jovens e adultos, um extraordinário impulso e criatividade missionários, tanta alegria na vivência da fé. Infelizmente, com o passar do tempo pode-se correr também o risco que um carisma seja mitigado, podendo deixar-se comprometer pela mentalidade deste mundo, o risco que uma certa rotina ou cansaço na vivência do carisma possa encontrar espaço. E assim o carisma, na vida de uma comunidade, torna-se sempre mais opaco, menos brilhante, perde o seu frescor e a sua força de atração. Pode acontecer – até mesmo – que alguns carismas, mesmo aqueles que possuem uma longa história na Igreja, cheguem a morrer (pensemos nos tristes casos de algumas congregações religiosas...). O carisma de uma comunidade, portanto, deve ser guardado e protegido por todos os membros, pois é um bem precioso que pertence a toda a comunidade – ou melhor, à Igreja! Mas guardar e proteger um carisma quer dizer concretamente vivê-lo até às últimas consequências de modo radical, com fidelidade, com alegria e com entusiasmo. Uma especial tarefa para a vossa “Diaconia Geral”, portanto, é manter vivo o senso de responsabilidade para guardar o carisma que recebestes: que seja sempre vivo, cheio de frescor, belo e genuíno...

Na segunda leitura tirada da primeira Carta aos Coríntios, São Paulo nos dá um importante ensinamento: o que fazer para que um carisma não perca a sua cor, o seu brilho e frescor. São Paulo ressalta com força: «[Irmãos], aspirai aos dons mais elevados. Eu vou ainda mostrar-vos um caminho incomparavelmente superior. Se eu falasse todas as línguas, as dos homens e as dos anjos, mas não tivesse caridade, eu seria como um bronze que soa ou um címbalo que retine /.../ Atualmente

permanecem estas três coisas: fé, esperança, caridade. Mas a maior delas é a caridade» (*1Cor* 12,31;13,13). E recordamos que, fascinada exatamente por estas palavras, Santa Teresa de Lisieux declarou na sua autobiografia: «A minha vocação é o Amor! Sim, encontrei o meu lugar na Igreja /.../ no coração da Igreja, minha Mãe, serei o Amor!». Eis o melhor caminho que cada um de nós deve seguir: o amor... Somente um carisma vivido com amor não envelhece nunca!

3. Consideremos agora o segundo aspecto próprio da etapa da maturidade eclesial de uma comunidade: viver segundo a “espiritualidade de comunhão”. Na sua Carta apostólica *Novo millennio ineunte* o Beato João Paulo II escreveu: «Fazer da Igreja *a casa e a escola da comunhão*: eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa...» (n. 43). Mas o que isto significa? O Papa respondia: «ntes de programar iniciativas concretas, é preciso *promover uma espiritualidade da comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão...” (*Ibidem*). Mais concretamente isto significa viver tendo o olhar fixo em Deus, no mistério da comunhão trinitária; sentir o irmão de fé na unidade da Igreja, Corpo místico de Cristo, e portanto, como “um que faz parte de mim”; ver no outro sobretudo aquilo que nos une, valorizar o que há de positivo no outro e criar-lhe espaço na própria vida, rejeitar as tentações egoístas que nos insidiam e geram uma insana competição, carreirismo e ciúmes (cf. *ibidem*). Trata-se pois de saber alegrar-se com o êxito dos outros, estar dispostos a colaborar sobretudo com as iniciativas das dioceses e das paróquias... Ter “um só coração e uma só alma” (cf. *At* 4,32) deve ser portanto o objetivo prioritário no interior de cada comunidade cristã.

A comunhão assim entendida é profundamente ligada à missão. A *Christifideles laici* explica-o muito bem: «A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetraram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de *a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão*. É sempre o único e mesmo Espírito que convoca e une a Igreja e que a manda pregar o Evangelho “até aos confins da terra (*Act* 1, 8)» (n. 32). É evidente então que cuidar da dimensão de comunhão, do espírito de fraternidade de uma comunidade significa ao mesmo tempo estar atentos à sua dimensão missionária, reavivar o seu ardor apostólico.

E quanto ao aspecto missionário, não podemos senão retomar aqui a primeira leitura, na qual Jeremias conta o seu chamado a ser profeta em Israel. Deus lhe dirigiu esta palavra: «Antes de formar-te no ventre materno, eu te conheci; antes de saíres do seio de tua mãe, eu te consaguei e te fiz profeta das nações» (*Jr* 1,5). Todos nós batizados participamos da missão profética, somos chamados a anunciar a palavra de Deus e a defender – como os profetas em seu tempo – a sua causa em um mundo que sempre mais se afasta dEle... Sabemos que não é uma tarefa fácil. Como nos tempos antigos, também hoje, o anúncio do Evangelho requer muita coragem. Mas diante de todas as adversidades um profeta sabe que nunca está só. O Senhor

diz a Jeremias: «Eles farão guerra contra ti, mas não prevalecerão, porque eu estou contigo para defender-te» (*Jr* 1,19). Quanto è importante para nós cristãos possuir aquela santa inquietação dos profetas e aquela prontidão em ir onde o Senhor nos envia: «Eis-me aqui, Senhor, envia-me a mim...» (*Is* 6,8), certos da sua presença ao nosso lado.

4. Quando hoje falamos de missão evangelizadora da Igreja, o nosso pensamento volta-se espontaneamente à próxima Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro. Sim, sobretudo o Brasil está vivendo hoje um *kairos* particular - um verdadeiro e próprio tempo de Graça! E isto se sente! As expectativas por parte dos jovens do mundo inteiro são grandes! Não podemos desiludi-los! Por isto é necessário que todas as forças vivas da Igreja no Brasil – particularmente aquelas dos movimentos eclesiais e das novas comunidades – possam dar generosamente a própria contribuição à preparação pastoral e logística deste grande evento. É este o momento para comprovar a maturidade eclesial de cada um! Sei que a Comunidade Shalom encontra-se na linha de frente, está entre as mais empenhadas. E hoje estou aqui para dizer a todos vós em nome do Santo Padre – um profundo obrigado! Especialmente agradeço a Moisés por ter dado ao Pontifício Conselho para os Leigos, neste tempo de intenso trabalho preparatório à JMJ, um precioso colaborador na pessoa do Padre João, que vós bem conheceis e que me acompanha também nesta viagem. Obrigado, pois, a todos vós e ... nos vemos no Rio de Janeiro no mês de julho próximo!